

Apresentação

Relações de gênero – Uma visão interdisciplinar

*Enquanto a mulher luta pela vitória de seus novos anseios e pela superação dos obstáculos que ainda existem, o homem, perplexo, tenta entender e conviver com o impasse deste novo tempo: compartilhar da queima simbólica de soutiens, que representam as amarras seculares, e com o cultivo da herança romântica de continuar abrindo portas e oferecendo flores.**

Esta epígrafe apresenta, a nosso ver, um retrato, mesmo que parcial, de como a geração “pós queima de soutiens” vem enfocando as questões de gênero, principalmente aquelas referentes ao tipo de relação que homens e mulheres estabelecem. Ao lado de redações com textos jocosos, ingênuos e até misóginos, é possível, como constata Tânia, perceber que esta é uma discussão que está problematizada e presente na sociedade atual.

Neste sentido, apresentamos este número 21 da Revista de Ciências Humanas com um duplo prazer. Primeiro, pela oportunidade que ela representa em divulgar a reflexão de um tema tão importante como o das representações que são construídas sobre o masculino e o feminino; afinal, são elas que regem as relações entre homens e mulheres que, como constataremos no decorrer dos textos, ainda estão longe de alcançar a tão almejada igualdade. Segundo, porque é resultado de um *Encontro Interdisciplinar* e isto é muito produtivo, pois, diferente das categorias colonizadas por determinados ramos do conhecimento, o gênero tem permeado, como categoria de análise, as mais diferentes disciplinas, constituindo-se como um campo de estudo fluído e crescente.

* Este texto foi extraído da prova de redação do vestibular da UFSC, de 1995, e consta do artigo de Tânia Regina Oliveira Ramos, presente nesta edição da Revista de Ciências Humanas.

Os textos aqui contidos são resultado de uma seleção dos inúmeros trabalhos que foram apresentados quando da realização do Encontro Interdisciplinar Fazendo Gênero na UFSC, realizado entre 15 e 17 de maio de 1996.

Há mais de 10 anos, professoras/es e alunas/os desta Universidade vêm desenvolvendo suas pesquisas na temática das relações de gênero, em diferentes cursos de graduação e pós-graduação. Este Encontro foi um balanço desta produção, resultando na conclusão de que as questões de gênero estão sedimentando, na UFSC, um diálogo interdisciplinar de excelente qualidade.

Com referência gramatical explícita, o termo gênero tem origem na militância feminista e introduziu uma *noção relacional e hierárquica*, ou seja, a forma como masculino e feminino são concebidos em nossa cultura instala relações de poder, assimétricas e desiguais, dos homens para com as mulheres e de cada um destes entre si. O que supõe a adesão, por parte das/os pesquisadoras/es, a um conjunto de valores tais como: liberdade, autonomia e igualdade entre os sexos.

Se, originalmente, os estudos de gênero vincularam-se à problemática da submissão da mulher ao homem, hoje as pesquisas ampliaram-se no sentido de pensarmos a opressão, não só no sentido inverso, como entre os próprios homens. O que nos faz refletir sobre a possibilidade, ou não, de significarmos o termo opressão de forma genérica.

Este quadro de discussão é marcado, em alguns dos artigos desta Revista, pelo tema da violência; isto evidencia, não só o poder masculino sobre as mulheres, como também o poder destas em relação aos homens.

No primeiro grupo estão os artigos de Débora, Sônia e Cristina, que revelam a naturalização da violência masculina sobre as mulheres, respectivamente: a) no discurso jurídico brasileiro; b) no exemplo de um julgamento apresentado em um filme – revertendo para as mulheres a responsabilidade do ato violento; c) através da análise dos processos judiciais do fórum de um município do Alto Juruá – onde as mulheres eram ‘traficadas’.

O artigo de Euthalia serve de contraponto aos anteriores, ao trazer a reflexão para o ato de pensarmos a violência como sendo, também, exercida pelas mulheres; assim, propõe deslocarmos a mulher de sua posição tradicional de vítima para vê-la como co-autora do ato violento.

Como nos fala a pesquisadora, dentro de uma relação opressor/oprimido é preciso levarmos em conta a “compreensão das dinâmicas de interação de gênero” para sair de uma perspectiva masculina da violência (a física) e focar o seu ‘lado feminino’.

Por sua vez, a temática da violência traz à tona outra questão: a de que a opressão nas relações de gênero, quando exercida no campo da sexualidade pelos homens entre si, pode tomar dois caminhos: um, que reproduz a mesma lógica que os homens têm com as mulheres, ou seja, exercer seu poder através do ato sexual, mantendo-as na posição de submissas e expressando a masculinidade através de um código de honra em nome do qual se comete absurdos como o de estragar a vida de um jovem, como denuncia Eneléio na sua análise sobre as relações entre presidiários. O outro caminho é o de silenciar, falando em seu lugar sobre os que exercem sua sexualidade diferente do que é considerado “normal”.

Outro grupo de artigos vai marcar o caráter relacional e hierárquico das categorias de gênero, através da temática da submissão feminina.

Esta temática, discutida pela perspectiva masculina por M^a de Fátima, através do discurso veiculado pela imprensa ferroviária paulista, na década de 30, faz-nos refletir que o lugar ocupado pelas mulheres na sua relação com os homens está vinculado também ao sentimento que os próprios homens nutrem em relação às mulheres: o de serem o “lado fraco”. Colocando-as como “algozes” e “oportunistas”, o casamento é representado como “um campo de tortura”.

Focada pela perspectiva das mulheres, esta temática ganha novos contornos. Ao lado da constatação de que a existência, ainda, de um contexto patriarcal, traz sérias consequências para as mulheres, como a limitação em usufruir com prazer sua sexualidade – como demonstra o artigo de Laura –, ou o de serem alvo de políticas públicas que realizam interferências cirúrgicas, castradoras de sua capacidade reprodutiva – como denuncia Luzinete –, estas autoras levam-nos a refletir que esta submissão não se realiza passivamente, e sim de forma ambígua e conflitiva.

As mulheres internalizam “interdições”, mas também “transgridem”. Percebem que sua condição saudável é ameaçada por terem sido esterilizadas mas, como interroga a autora, em um contexto de opressão que possibilidades têm de optar por aquilo que é melhor para elas?

As mulheres lutam. Uma luta contra a exclusão e a inferiorização que, como fala o artigo de Gisela, estende-se desde os finais do século

passado quando reivindicaram o direito de votar, o que significa abrir canais pelos quais possam expressar suas idéias e desejos.

As mulheres expressam-se. Mas é preciso que, além de conhecer o que as mulheres estão dizendo sobre si mesmas, tomemos consciência que elas possuem formas de expressão diferentes daquelas definidas como 'corretas', normalmente masculinas. O artigo de Simone, neste sentido, é ilustrativo.

Mas, recentemente, os homens, principalmente de segmentos das camadas médias, também têm procurado redefinir o significado dos gêneros, questionando a relação patriarcal e assumindo-se como "sensíveis", em oposição ao "machista". Seus impasses e êxitos são retratados por Roseli, através da relação que um grupo deles mantém com o espaço doméstico.

Enfim, nestas investigações tratam-se de perceber as hierarquias constantes da configuração dos papéis de gênero, deslindando a mudança e a permanência no decorrer do tempo; a etnologia das relações; as variadas formas nas quais homens, mulheres, homossexuais ou heterossexuais, constituem-se na narrativa – escrita ou oral – ; o processo de construção das identidades de gênero; de encontrar ouvintes para histórias dificilmente contadas; de procurar encontrar respaldo para a luta contra as discriminações.

Assim, estamos diante de trabalhos que, através de múltiplos olhares, vindos da História, do Direito, da Literatura, da Lingüística, da Psicologia e da Antropologia, constituem um mosaico. A maior contribuição deste quadro variado parece-nos ser a de trazer, para a reflexão, a importância do respeito às diferenças e da existência de relações às quais, ao invés de instituir hierarquias e exclusões, incluam todas as pessoas, independentemente do sexo que possuam ou, da preferência sexual que demonstrem.

*Joana Maria Pedro
Maria Regina Azevedo Lisboa
Mirian Pilar Grossi*

(Editoras especialmente convidadas)